

# Corpo e sujeito no discurso da Engenharia Genética

Paula Chiaretti\*

Univás

**Resumo:** *Por meio de uma análise discursiva, o presente trabalho busca articular os conceitos de discurso, sentido, sujeito e corpo. Para tanto, recortamos materiais de análise que permitiram considerar de que modo, no discurso da engenharia genética, o sentido de manipulação do corpo se (con)funde com o sentido de pleno “controle” e “governança” (ligado à tecnologia) e com a fabricação de um objeto (ligado ao Mercado). Além disso, buscamos compreender como o “genoma humano” é significado como o texto fundamental que confere unidade à humanidade frente à ruptura entre os modos de subjetivação e as narrativas tradicionais.*

**Abstract:** *Through a discursive analysis, the present article aims to articulate the concepts of discourse, sense, subject and body. Therefore, different materials were selected with the objective of considering how, in the discourse of genetic engineering, the sense of manipulation of the body merges and muddles with the sense of full “control” and “governance” (related to technology) and with the fabrication of an object (related to the Market). In addition, we seek to understand how the sense of “human genome” is produced as the fundamental text that confers unity to the humanity on the face of the rupture between modes of subjectivation and traditional narratives.*

O presente trabalho busca compreender os modos de subjetivação na atualidade a partir da articulação discurso, sentido, sujeito e corpo, e da constituição e análise de um *corpus* que permita compreender a produção de sentido no discurso da Engenharia Genética. Por meio da análise, busca-se mostrar de que modo essa articulação se dá e se apoia em uma aliança entre novas tecnologias e ciências biológicas. O corpo, que ocupa um lugar central nesse trabalho, deve ser distinguido da sua concepção organicista e entendido como materialidade que produz sentidos, o que permite compreender, de acordo com Orlandi (2016, p. 87), “[...] como, em sua materialidade, os sujeitos

textualizam seu corpo pela maneira como estão nele significados, e se deslocam na sociedade e na história [...]”. Corpo, assim, se aproxima de um efeito de sentido, produzido em condições produção específicas, relacionadas à história e à língua, logo, efeito sujeito à equivocidade própria da linguagem e passível de reprodução/transformação de sentidos.

### **1. Biologia e sentidos de corpo**

O papel das ciências biológicas na produção, reprodução e transformação dos saberes sobre o corpo é fundante em uma epistemologia que significa o corpo ao longo da história. No entanto, é preciso considerar que a ciência, enquanto discurso, é efeito de condições históricas de produção e, por isso, não pode ser tomada como neutra e objetiva. Neutralidade e objetividade, mais do que características da ciência, são aqui compreendidas como efeitos que seu discurso produz a partir de uma rede de memória que mobiliza os “conhecimentos” legitimados por diferentes instituições.

Além de uma “descrição” da estrutura e do funcionamento do corpo, a saber, as ciências da morfologia e da fisiologia, as ciências biológicas também podem ser entendidas como um discurso prescritivo ao produzir uma série de práticas, técnicas e intervenções que regulam o que entendemos como corpo e seu funcionamento. Por meio dessa descrição e dessa prescrição, constituem-se os sentidos de corpo que se produzem como evidentes e transparentes.

No movimento de construção dessas evidências, o discurso das ciências biológicas “descobrem” novos elementos ou funcionamentos, promovendo sentidos que ressignificam a vida e o corpo. “Os biólogos descobrem ‘evidências de’ genes que ‘algum dia podem’ levar à ‘possível’ cura do câncer” (LEWONTIN, 2000, p. 8). Nessa formulação, podemos observar que a articulação entre a descrição do corpo e a prescrição de procedimentos relacionados ao seu “bom” funcionamento funcionam contemporaneamente na produção de sentidos.

O lugar privilegiado que as ciências biológicas ocupam na produção de conhecimentos sobre o corpo se relaciona ao efeito de realidade que produzem (já que os corpos são “empiricamente” observáveis e mensuráveis). Nesse sentido, seria preciso considerar o

papel privilegiado da *imagem* na produção dos saberes científicos (e na sociedade atual de modo geral) uma vez que representações gráficas, massivamente presentes nessa ciência, produzem um efeito de inteligibilidade do referente aqui construído, no caso, o próprio corpo. A discretização dos elementos de composição do corpo, característica da morfologia enquanto ciência, poderia ser compreendida aqui, portanto, como um efeito dos processos discursivos que enredam e significam o orgânico enquanto corpo passível de uma série de procedimentos, um corpo cuja estrutura pode ser segmentada e representada para, em seguida, ser alvo de uma intervenção. De acordo com Brousse (2014), “[...] com o progresso da ciência, o organismo – porque a ciência se refere ao organismo – se converte e objetos cortados, separados, capazes de serem trocados”. A partir do modo como significam o corpo, com seus elementos discretizados, separados e passíveis de serem trocados, podemos falar que estamos diante de um sentido de corpo como um objeto de customização.

Assim, esse efeito de “representação” da imagem que se produz nesse campo deve ser abordado a partir das condições de produção que permitem que tal imagem “represente” um corpo (ou parte dele). De acordo com Laqueur (2001, p. 203), “as ilustrações anatômicas são [...] representações de conhecimentos específicos do corpo humano e de seu lugar na criação, e não só de um estado particular do conhecimento sobre as estruturas”. Vale observar que as ciências biológicas se configuram como um terreno fértil para o recobrimento pensamento/linguagem/mundo, na medida em que produzem “*métodos de apreensão do real*” reconhecidamente aceitos e legitimados. As mais diversas técnicas hoje se dedicam a essa divisão dos corpos em camadas visíveis capazes de “explicar” e “prescrever” o corpo.

### **1.1 Sentidos de melhoramento e customização do corpo na Engenharia Genética**

De forma mais específica, este trabalho busca considerar as particularidades do conhecimento científico da biologia quando esta se coaduna a campos de sentido capazes de deslocar o modo como se significa o corpo. Na medida em que o corpo é discretizado, seu

funcionamento “descoberto”, suas funções alteradas pelos procedimentos, torna-se possível considerar uma série de práticas de customização do corpo (como transplantes, próteses, procedimentos cirúrgicos estéticos ou não) que apontam para a aliança entre as ciências biológicas, as novas tecnologias e o Mercado, por meio de uma montagem do corpo que visa o seu “melhoramento”.

Em todo caso, pensar os sentidos de corpo a partir das diferentes formas pelas quais ele é historicamente significado, pressupõe que não se o trate como um corpo “biológico, natural, segmentável, controlável e transparente” (HASHIGUTI, 2007, p. 2), como pressupõe as ciências biológicas, mas, sim, de um corpo marcado por uma opacidade, colonizado a cada momento por um certo arranjo simbólico. Ou seja, significa pensar em discursos e práticas que forjam sentidos sobre o corpo que não são indiferentes ao funcionamento da sociedade. Isso pôde, anteriormente, ser pensado a partir de diferentes materiais de análise: as cirurgias plásticas (CHIARETTI, no prelo), as tecnologias *plug and play* aplicadas à saúde (CHIARETTI, 2016) e mesmo os sentidos da deficiência no discurso da saúde (CHIARETTI; COSTA, 2016).

O discurso que produz sentidos de “melhoramento” do corpo apoia-se em um modo de significar o corpo que 1. o pressupõe como sendo passível de modificações e 2. supõe um corpo de algum modo deficitário (piorado) com relação às suas “possibilidades”. Esse melhoramento pode ser relacionado ao que Freud (2011 [1930]) trata como um *deus protético*. Trata-se de, por meio da tecnologia, de corporificar os ideais de onipotência supostos aos deuses: tudo ver, tudo ouvir, tudo poder. Uma das propostas atuais, e a que nos interessa neste trabalho, de melhoramento do corpo está atualmente relacionada à “edição do genoma humano”.

Apresentamos um primeiro recorte efetuado:

“Como *fazer um bebê* perfeito – Imunidade a doenças como câncer. Maior resistência à obesidade. Seleção de características estéticas. Tudo isso já pode, ou logo poderá, ser *programado* antes do início da gravidez. Conheça o admirável (e lindinho) futuro dos bebês” (COSTA; GARATTONI, 2012, grifos nossos).

Trata-se do título e do lead de uma reportagem publicada pela revista *Superinteressante*:

Ciência

## Como fazer super bebês

Imunidade a doenças como câncer. Maior resistência à obesidade. Seleção de características estéticas. Tudo isso já pode, ou logo poderá, ser programado antes do início da gravidez. Conheça o admirável (e lindinho) futuro dos bebês

Por **Camilla Costa e Bruno Garattoni**

© 11 abr 2017, 15h57 - Publicado em 23 fev 2012, 22h00

Imagem 1: Captura de tela da reportagem da revista *Superinteressante*, publicada no site em 2012.

Primeiramente observamos que a formulação justapõe “fazer um bebê” e “pode, ou poderá, ser programado”. Essa relação de contiguidade que o enunciado propõe permite considerar que haveria a possibilidade de uma aliança entre as tecnologias digitais e as ciências biológicas. A programação, como procedimento específico das ciências da informação, quando considerada no campo que diz respeito especificamente à forma como o corpo e seu desenvolvimento são “codificados” (genética), se relaciona à possibilidade de que uma série de “desenvolvimentos” possa ser prevista *a priori*, ou ainda, não somente prevista, mas planejada – ou seja, aqui, de maneira acentuada, é possível considerar o caráter prescritivo desse discurso, cuja normatividade somente poderia ser compreendida a partir da historicidade desse dizer. A consideração da “obesidade”, por exemplo, pela sua negação (“resistência à [obesidade]”) aponta, por exemplo, a um efeito de pré-construído (HENRY, 1992; PÊCHEUX, 2009) de que essa é uma das características “esperadas” a um bebê ou criança. Assim, na medida em que essa formulação constitui os sentidos de bebê ou seu futuro, no caso, “obeso”, constitui contemporaneamente a solução a isso por meio do recurso à tecnologia da programação.

Lafontaine (2004) localiza a possibilidade de manipulação genética frente às rupturas das fronteiras entre homem, animal e máquina, iniciadas por Norbert Wiener, fundador da cibernética. A aproximação da biologia à cibernética permite que se inaugure essa ciência biológica dedicada à “programação”, ao “planejamento”, à “projeção” genética do homem: a Engenharia Genética. Aqui os significantes de dois campos até então heterogêneos (“engenharia” e “genética”) se

fundem e se modificam mutuamente inaugurando um modo de subjetivação específico.

Nessa discursividade, a escolha dos caracteres físicos passa a ser não mais uma possibilidade, mas um imperativo. Destacando a interseção (nem sempre visível) entre a ciência e a moral Sandel, autor de *Contra a perfeição: ética na era da engenharia genética* pergunta: “afinal, que tipo de pai é esse que deixa para o acaso as características do filho?”. Esse empuxo relacionado a essa prescrição pode ser ainda indiciada na formulação do enunciado “Como fazer um super bebê”, que apaga outros possíveis como: “Por que fazer um super bebê”; “O que é um super bebê”; “Para que um super bebê”.

Nessa direção, um segundo recorte, também efetuado em uma edição da Revista Superinteressante, nos permite avançar na discussão:



Imagem 2: Capa da revista Superinteressante, edição 301, de fevereiro de 2012.

Dele, destacamos inicialmente o enunciado: “Conheça os bebês de laboratório – porque um dia você vai ter um”. Esse enunciado se alinha ao efeito de sentido de uma “obrigação moral” dos pais em modificar geneticamente (temperamento, memória, senso de humor, otimismo) seus filhos para que eles tenham uma “vida melhor”, como afirma o filósofo e bioeticista australiano Julian Savulescu. Não se trata aqui, vale lembrar, simplesmente de uma vida melhor no sentido da cura de um mal, mas sim de um “melhor que a encomenda” (SANDEL, 2013, p. 19). Por meio de uma série de instrumentos técnicos e intelectuais, torna-se possível não apenas curar doenças, mas sim “melhorar” as capacidades físicas e cognitivas, ou seja, “erguer-se acima da média” (SANDEL, 2013, p. 21).

Esse modo de subjetivação, por sua vez, também pode ser relacionado à lógica do Mercado a partir da qual todos os indivíduos seriam colocados em relação de livre concorrência. Esse modo de subjetivação pode ser descrito a partir de uma racionalidade neoliberal que “fabrica” sujeitos cuja conduta deve ser permanentemente organizada, administrada; uma razão “de um capitalismo desimpedido de suas referências arcaizantes e plenamente assumido como construção histórica e norma geral da vida” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17).

Além disso, diante do “universo de possibilidades” prometido pela aliança entre tecnologia e ciências biológicas, observa-se como a oferta de determinados produtos e serviços engendram novas formas de culpabilidade. Ademais, citando uma discussão que pode ser desenvolvida em outro momento, do ponto de vista psicanalítico, poderíamos considerar esse modo de “fazer bebê” via “programação” a partir do objeto fantasmático que essa criança pode (ou não, naturalmente) vir a encarnar. Trata-se da projeção de constituição de um sujeito que encarna (jogando aqui com a polissemia desse significante) um ideal, que se constitui discursivamente por meio da formulação. Uma formulação que textualiza e reproduz os conhecimentos de uma tecnociência, retomando e apagando de outros saberes, anteriores. Funcionamento esse próprio da memória discursiva.

## 2. O “genoma humano”: unidade e texto

Podemos considerar que os discursos que produzem efeitos de sentido de manipulação, programação, controle do corpo reocupam narrativas anteriores que buscavam descrever e prescrever modos de ser: ao contrário de momentos anteriores, nos quais a forças da natureza (fossem exteriores – vírus, bactérias – ou interiores – doenças autoimunes, decadência do corpo) se abatiam sobre o homem e seu corpo, nessa discursividade, trata-se de atualizar os sentidos de corpo e de homem a partir da subjetividade empresarial (DARDOT; LAVAL, 2016), que promove a manipulação, a adaptação, por meio do investimento e da inovação, e a concorrência. Em outros termos, retomando um dos imperativos contemporâneos, podemos afirmar que estaríamos diante de processos de “otimização” do corpo (e do sujeito, por extensão). Ainda de acordo com Dardot e Laval (2016, p. 16, grifo dos autores), “o neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também *produz* certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver e certas subjetividades”. Não se trata, portanto, de simples suspensão das lógicas de identificação entre sujeitos, mas de novos arrimos.

O sentido de corpo como “morada” do sujeito (centro-unidade imaginária do eu), diante da falência de instituições como Deus e a família, torna-se mais hegemônico. Kehl (2005), ao abordar o corpo como refúgio do eu, propõe que “[...] a possibilidade de ‘inventar’ um corpo ideal, com a ajuda de técnicos e químicos do ramo, confunde-se com a construção de um destino, de um nome, uma obra”. O traço do corpo se confunde com o traço do destino na cultura do corpo. Ou seja, o corpo orgânico passa a ser significado como um dos últimos espaços simbólicos no qual os modos de subjetivação são encenados a partir de uma nova série de protocolos, um *savoir-faire*. Ou ainda, segundo Ortega (2003), “[...] não podendo mudar o mundo, tentamos mudar o corpo, o único espaço que restou à utopia, à criação”.

Isso nos leva ao terceiro recorte deste trabalho, efetuado a partir do texto da *Declaração universal sobre o genoma humano e os direitos humanos*:

O genoma humano subjaz à *unidade* fundamental de *todos* os membros da *família* humana e também ao reconhecimento de sua



dignidade e diversidade inerentes. Num sentido simbólico, é a *herança da humanidade*. (UNESCO, 1997, grifos nossos).

No enunciado acima, “genoma humano” equivale a uma unidade, “todos”. É aquilo que permite, por consequência, a composição de um conjunto mais ou menos (tendo em vista a “diversidade” desse mesmo) homogêneo de elementos, prescrevendo as regras às quais estes estão submetidos. A justaposição entre “genoma” e “direitos”, ambos qualificados como “humano(s)”, permite considerar a relação entre ambos. Frente às mais diferentes culturas, raças, culturas, o “genoma”, trata-se daquilo que viria promover uma unidade (uma imagem ortopédica) para “a humanidade”, ou ainda, uma “a família humana”.

Deve-se compreender que o sentido de “humanidade” enquanto “família” se constitui em condições específicas de produção, relacionados, no caso, a uma historicidade que retoma a criação da ONU (Organização das Nações Unidas) (em 1945) e a declaração dos direitos humanos (em 1948), momento a partir do qual as Nações se enfraquecem frente ao avanço de um programa que visa a mundialização. O genoma como traço de identificação intersubjetiva é o que, nesse discurso, permite a identificação entre sujeitos, identificação essa a partir da qual se pauta uma série de procedimentos e condutas entre indivíduos. Assim, o “genoma humano” passa a ser significado como uma espécie de matriz simbólica a partir da qual o sujeito se formula enquanto uma identidade (em sua “dignidade e diversidade”) e enquanto parte de uma unidade (“*todos* os membros da *família*”). A partir dessa formulação torna-se possível uma estabilização de sentidos sobre o homem e seu corpo.

Vale destacar, nesse processo de identificação e, consequentemente, nesse modo de subjetivação, a possibilidade de *apreensão direta, manipulação, edição, formatação* desse material pela Engenharia Genética.

### 2.1. Edição do genoma

Apresentamos um quarto recorte, efetuado a partir de uma publicação da Companhia Independente de meios de comunicação do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, a Technology Review e

Technologyreview.com: “*Scientists are developing ways to edit the DNA of tomorrow’s children* [em português, ‘Cientistas estão desenvolvendo maneiras de *editar* o DNA das crianças de amanhã’]” (MIT, 2015, grifo meu).

Observa-se, a partir da formulação desse enunciado, o estabelecimento de uma relação sinonímica entre DNA e texto. Os dois se encontram equiparados na ampla substituição possível (relacionada ao efeito metafórico próprio do discurso) que se instala entre os termos “DNA” e “texto”, já que ambos podem ser “editados”. Trata-se ainda de pensar o DNA enquanto “mensagem” transparente e inteligível. Toda a equivocidade da “linguagem” é apagada pelo efeito de sentido de codificação, inaugurando a possibilidade de múltiplas combinações e soluções por meio da edição do texto-DNA. É aqui que entra a figura dos *babies designers*, desenhadores de bebês. Isso nos permite voltar ao segundo recorte:

Como fazer um superbebê: Eles serão *projetados* por cientistas, terão imunidade contra doenças e a aparência que os pais escolherem. Conheça os bebês de laboratório – porque um dia você vai ter um. Eles já começaram a nascer” (SUPERINTERESSANTE, 2015, grifo meu).

Novamente, o sentido da programação à qual o corpo pode ser submetido se repete por meio de “projeção”. Frequentemente presente no campo da arquitetura, a projeção pode se relacionar ao sentido de planejamento. Esse efeito de sentido se torna possível em um momento histórico no qual o homem se torna capaz de “livrar-se” dos arrimos anteriores, relacionados à religião (submissão a Deus), à família (submissão a um modelo de agregação de indivíduos – ao sangue), à condição de trabalho da qual não poderia escapar (hierarquias e estratos sociais de modelos pré-capitalistas). Trata-se de planejar o melhor modo possível de vida, por meio da “projeção” do corpo. No atual modo de produção neoliberal, marcado como dissemos pela livre concorrência e por práticas de gestão da própria conduta, esse sujeito, efeito da formulação e contemporâneo ao sentido, se relaciona a sentidos de *onipotência*, *inovação*, *invenção*, *customização*, *personalização*, decalcados do Mercado, aliado à

Ciência e à tecnologia, em especial ao discurso cibernético da “governança” e do “controle”.

O “genoma”, como “O” texto fundamental, ao contrário de textos fundamentais anteriores (que serviriam como base à fundação de um conjunto), como a Bíblia, pode ser editado a partir da “vontade” e ao “gosto do freguês”, dando então as coordenadas de uma subjetividade atual.

É justamente nesse ponto que podemos localizar a confluência de dois campos de sentido: as ciências biológicas e o Mercado que, aliados, seriam o palco da produção de sentidos que podemos relacionar à lógica de consumo condensada no *slogan* “satisfação garantida ou seu dinheiro de volta” agora presente também no campo das ciências da vida, por meio da Engenharia Genética<sup>1</sup>.

## 2.2. Práticas genéticas neoliberais?

Nesse ponto, a questão, colocada pelo filósofo americano Michael Sandel (2013, p. 87), pode se fazer presente:

Qual é, afinal, a diferença moral entre projetar crianças segundo um propósito eugênico explícito e projetar crianças segundo os ditames do mercado? Não importa se o objetivo é aprimorar o “plasma germinal” da humanidade ou atender a preferências de consumo: ambas as práticas são eugenistas, no sentido de que as duas transformam crianças em produtos deliberadamente selecionados.

O que causa aqui é precisamente a aproximação da “projeção” de crianças à fabricação de objetos aos quais se tem acesso via consumo (Mercado). Na “eugenia liberal” não se está mais atado aos modelos tradicionais de eugenia organizados de maneira centralizada, ou seja, o Estado e suas instituições ditando de forma vertical aquilo que pode

---

<sup>1</sup> Esta foi inclusive a proposta de uma empresa da Califórnia – EUA que oferecia um serviço de clonagem de gatos – a *Genetic Savings & Clones*. Segundo o anúncio da empresa: “Caso você ache que seu gatinho não se parece o bastante com o doador genético, nós devolveremos seu dinheiro integralmente, sem fazer perguntas” (SANDEL, 2013, p. 18).

e deve ser feito. Nessa eugenia liberal, estaríamos diante de uma “neutralidade” do Estado. Ponto que aproxima o Estado da ideia de um Mercado identificado a uma realidade natural, que oscila sem a intervenção de qualquer instituição – a ciência cumpriria, nessa conjuntura, um importante serviço ao princípio do anti-intervencionismo (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 14-15).

“*Finalmente* livre e autônomo”, inclusive de seu destino genético, o sujeito que se produz nessa discursividade, se produz de maneira competitiva e inovadora. Subjetividade que se pauta, portanto, no sentido de um corpo que pode ser editado e manipulado e obedece a um decalque de um funcionamento mercadológico, no qual os caracteres físicos (e psicológicos) podem ser “consumidos”, “adquiridos” via certos procedimentos de edição do genoma. O “genoma humano” poderia então ser considerado o texto fundamental (matriz simbólica/destino?), que, ao contrário de textos fundamentais anteriores, como a Bíblia, pode ser editado a partir da “vontade” e ao “gosto do freguês”, dando então as coordenadas de uma lógica da fabricação de sujeitos que visa à anulação da falha e ao pleno sucesso.

Na tentativa renovada de escapar ao destino, a edição do genoma promove um “tudo é possível” que, no entanto, parece produzir um excesso de ‘possibilidades’ que, por sua vez, se configura como uma das fontes atuais do mal-estar contemporâneo (culpabilidade e insuficiência), alterando o laço social que passa a se dar a partir dessas experiências.

### **Considerações finais**

De modo geral, no discurso do genoma humano, observa-se que o sentido de manipulação do corpo como objeto se (con)funde com o sentido de pleno “controle” e “governança”, não por acaso significantes mestres na contemporaneidade e protagonistas no discurso da informática. Esse funcionamento discursivo aponta para o sentido de *fabricação* – cuja vontade é pautada pela ciência e suas previsões/prescrições – e que se inscreve em uma memória discursiva de ruptura com modelos tradicionais de produção de subjetividade (religião, família, trabalho etc.). Assim, o corpo passa a ser significado, cada vez mais, como objeto que pode e

deve submeter-se a práticas constantes de vigilância e transformações (amputações, próteses, programação genética).

Ortega (2003, p. 71) aponta ainda, nessa mesma lógica de homogeneização, para a inexistência de um “espaço ‘entre’ os indivíduos, um mundo comum, que os una ou separe, mantendo sempre a distância entre eles”. Justamente por conta disso, podemos mencionar outra consequência possível: uma gradual anulação da pluralidade.

No entanto, levando em consideração a equivocidade da linguagem e o real da história, os efeitos de sentido de controle e governança podem ser compreendidos como efeitos de um processo metafórico (parafrásticos e polissêmicos) e que aponta sempre para a possibilidade de o sentido deslocar-se, reproduzindo ao mesmo tempo em que transforma os sentidos de corpo.

### Referências bibliográficas

- BROUSSE, M.-H. (2014) “Corpos lacanianos: novidades contemporâneas sobre o Estádio do espelho”. In: *Opção Lacaniana Online nova série*, ano 5, n. 15, 1-17. Disponível em: [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_15/Corpos\\_laciano\\_s.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/Corpos_laciano_s.pdf). Acesso em 20 de setembro de 2015.
- CHIARETTI, P. (2018) “Corpo, discurso e subjetividade em cirurgias plásticas”. In: CARROZZA, G.; ALVES, W. *Os sentidos da corporeidade: a inscrição simbólica do corpo em discursos contemporâneos*. Curitiba: Appris. (no prelo)
- \_\_\_\_\_. (2016) “O corpo no discurso da ciência e da tecnologia: a lógica do *plug and play*”. In: ORLANDI, E.; CHIARETTI, P.; RODRIGUES, E. A. *Linguagem, tecnologia e espaço social*. Pouso Alegre, Campinas: Univás, RG, p. 154-164.
- CHIARETTI, P.; COSTA, G. C. (2016) “A produção discursiva do sujeito com Síndrome de Down e suas incidências no corpo: ‘o deficiente não funciona como o esperado’”. In: BARROS, R. C. B.; CAVALLARI, J. S. *Sociedade e diversidade*. (Trilogia Travessia da Diversidade, vol. 2). Campinas: Pontes. p. 85-96.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. (2016) *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.

- FREUD, S. (2011) “O mal-estar na civilização” (1930). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago.
- HASHIGUTI, S. (2007) “O corpo como materialidade do/no discurso”. In: *Anais do III Seminário de Análise de Discurso (SEAD)*, UFRGS, Porto Alegre. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/3SEAD/Simposios/SimoneHashiguti.pdf>. Acesso em 20 Out 2015.
- HENRY, P. (1992) *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp.
- KEHL, M. R. “Com que corpo eu vou?”. In: BUCCI, E.; KEHL, M. R. (orgs). (2005) *Videologias*. 2ª. Edição. São Paulo, Boitempo Editorial.
- LAFONTAINE, C. (2004). *O império Cibernético*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- ORLANDI, E. P. (2016) “Processos de significação, corpo e sujeito”. In: *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. 3ª ed. Campinas: Pontes. pp. 83-96.
- ORTEGA, F. (2005). “Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão ao corpo”. In: RAGO, M.; ORLANDI, L. B.; VEIGANETO, A. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, pp.139-173.
- PÊCHEUX, M. (2009) *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009.
- SANDEL, M. (2013). *Contra a perfeição: ética na era da engenharia genética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- COSTA, C.; GARATTONI, B. (2012) “Como fazer super bebês”. *Superinteressante*. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/como-fazer-super-bebes/>. Acesso em 03 Jun 2015.
- UNESCO. “Declaração universal sobre o genoma humano e os direitos humanos” (1997). Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001229/122990por.pdf>. Acesso em 05 Jan 2015.

**Palavras-chave:** discurso, corpo, genoma humano.

**Keywords:** discourse, body, human genome.

## Notas

---

\* Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí. Contato: [chiaretti.paula@gmail.com](mailto:chiaretti.paula@gmail.com).